

Marie-Thérèse Davidson

ANTÍGONA, **a rebelde**

tradução

Álvaro Lorencini

2ª reimpressão



O selo jovem da Companhia das Letras

copyright © 2005 by Éditions Nathan, Paris, França

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Rebelle Antigone

Projeto gráfico

Kiko Farkas e Thiago Lacaz/Máquina Estúdio

Ilustração da capa

Iuri Lioi

Preparação

Ana Maria Alvares

Revisão

Valquíria Della Pozza

Carmen S. da Costa

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Davidson, Marie-Thérèse

Antígona, a rebelde / Marie-Thérèse Davidson; tradução
Álvaro Lorencini. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Rebelle Antigone.

ISBN 978-85-359-1605-8

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

10-00803

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Mapa: o mundo de Antígona 9

1. O caminho de volta 11
2. O acampamento de Polinices 17
3. Chegada a Tebas 23
4. O rei de Tebas 31
5. As sete portas 39
6. Irmãos inimigos 47
7. Funerais 53
8. A transgressão 61
9. O confronto 69
10. Condenada 75
11. Creonte, rei ou tirano? 83
12. Dúvidas tardias 89
13. Os deuses vigiam 95

Genealogia de Antígona 100

Apêndice — Para conhecer melhor Antígona 103

Glossário 111

Sobre a autora 117



1

O CAMINHO DE VOLTA

A floresta clareava, a estrada descia agora em direção à planície. “Tebas!” Antígona e Ismene se entreolharam, emocionadas. Elas tinham falado — ou pensado alto? — a uma só voz. Mas esse nome não evocava a mesma coisa para cada uma delas.

Para Ismene, muito jovem ainda — apenas dezesseis anos —, de olhos claros e suave rosto arredondado, Tebas continuava sendo a cidade protetora de sua infância. Após a morte da rainha Jocasta, a mãe das duas irmãs, foi a ama de leite Eurínome que continuou a cuidar dela, mimando-a como uma menininha durante os últimos cinco anos.

Para Antígona, com quase vinte anos, olhar sombrio e

faces encovadas, Tebas era a cidade que tinha vergonhosamente expulsado seu pai, Édipo, o rei cego, e o forçado a viver e morrer no exílio. Ela o seguira, errante e mendiga como ele, por ele. Foi só pouco antes do fim que Ismene se juntara a eles em Colona, junto de Teseu,* o rei de Atenas. Após a morte do pai delas, Teseu lhes forneceu carro e escolta para que voltassem em segurança para sua cidade natal.

Se Ismene estava ansiosa para reencontrar o regaço de Tebas, não acontecia o mesmo com Antígona. Ela precisava de tempo para aceitar a ideia de que ia ficar encerrada entre muralhas, fechada no gineceu, o aposento das mulheres — ela que havia experimentado a liberdade amarga dos errantes. E, depois, a pesada atmosfera de Tebas...

Mas como pensar nisso serenamente quando se está sacudindo num carro de quatro rodas, sobre um caminho pedregoso? Ela afastou a cobertura que as protegia da poeira e do olhar dos homens, e chamou o oficial que cavalgava ao lado delas:

— Vamos parar um instante, estou com vontade de caminhar um pouco.

Ismene desceu depois dela.

* O significado das palavras indicadas com asterisco estão no glossário no final do livro.

— O que está acontecendo? Faz algum tempo que você está com um ar atormentado, ansioso.

— Ismene, eu não posso chegar a Tebas como se nada tivesse acontecido, como se eu voltasse de um longo passeio... Vou deixar você continuar sem mim, eu irei mais tarde, a pé.

— Então, você vai me abandonar de novo, vai seguir o seu caminho!

Ismene, com lágrimas nos olhos, calou-se. Antígona lhe acariciou o rosto com ar enternecido.

— Nossa separação não será longa, minha irmãzinha, algumas horas, um dia ou dois talvez. Assim, é você quem vai me receber quando eu chegar, está bem?

Ismene balançou a cabeça resmungando suavemente. Antígona beijou seus cabelos e foi avisar o oficial da guarda. Ele pôs dificuldades: não podia infringir as instruções de Teseu, seu rei. Todavia, diante da obstinação de Antígona, concordou. Aparentemente apenas: fez com que ela fosse seguida em segredo por dois soldados da escolta.

Munida de um casaco e de algumas provisões, Antígona observou afastar-se o carro tão desconfortável que levava sua passageira de olhos vermelhos. Ela se censurava um pouco. “Por que não sou mais gentil com Ismene? Tenho sempre a impressão de que ela é uma menininha, que não me compreende. Talvez não seja verdade...”

Antígona, sonhadora, caminhava fazia pouco quando um ruído a tirou de seus pensamentos. Atenta, de repente ela estacou e lançou um olhar agudo ao redor. Atrás dela, um ruído de folhas. Com as pernas firmes, ela deu meia-volta, pronta para se defender. Um homem apareceu e ficou imóvel ao sair de seu esconderijo. De longe, certamente para tranquilizá-la, ele se inclinou diante dela. Ele não sabia que esse gesto acabava de salvá-lo de uma morte certa: a alguns passos dali, os dois soldados escondidos baixaram seus dardos.

— Princesa Antígona?

— Sim, sou eu mesma. De onde você me conhece?

— A descrição de seu irmão Polinices era exata.

— Polinices! Então ele está aqui também!

As faces da jovem coraram de alegria com essa notícia.

— Faz tempo que a estou seguindo de longe. Ele tinha esperança de que eu encontraria uma ocasião para lhe falar longe dos outros, para convidá-la a vir vê-lo.

— Certamente! Onde está ele? Não em Tebas, suponho. Em Argos, talvez?

— Também não, ele instalou seu acampamento aqui ao lado.

— Seu acampamento! Então ele não abandonou a ideia de uma guerra...

Antígona interrompeu-se. Então Polinices pensava pôr em execução as ameaças que tinha proferido na última vez que se viram; e o que ela mais temia ia acontecer!

— Leve-me até ele.

Poderia ela impedir o pior? Acreditava que não, mas devia pelo menos tentar.

A alguns metros dali, os dois espiões se entreolhavam, indecisos. Deviam seguir a princesa? Seria melhor relatar ao oficial esse surpreendente encontro em pleno bosque? Finalmente, decidiram segui-la. Assim, os quatro personagens, os dois primeiros a descoberto, os outros dois escondidos, mudaram de direção, a caminho do oeste, rumo ao acampamento de Polinices.

O ACAMPAMENTO DE POLINICES

O acampamento se estendia à margem do bosque, numa dobra da montanha, não podendo ser visto de Tebas. A noite caía, fogos se acendiam. O olhar penetrante de Antígona procurava rasgar a escuridão nascente para avistar o irmão. Ele devia estar esperando por ela, pois, quando a irmã se apresentou na entrada do acampamento, ele estava lá, como por encanto. De início, uma simples silhueta, alta e rija, e depois os traços do rosto querido: os olhos escuros e ardentes, os cachos castanhos, a ruga no meio da testa. É verdade que eles se pareciam, tanto quanto se pareciam com o pai! Ela nem teve tempo de examiná-lo e já não to-

cava mais o chão: ele a tomou nos braços e a apertou até quase sufocá-la.

— Pare, Polinices, você não me deixa respirar!

— Desculpe, irmãzinha! Você veio, obrigado. Venha, você vai se instalar na minha tenda.

Atravessaram o acampamento. Os soldados se afastavam, desviando respeitosa-mente os olhos da jovem.

Quando enfim ficaram a sós, os irmãos permaneceram um bom momento silenciosos, olhando-se. A segurança de Polinices se esgotava.

— Faz tantos anos que você partiu, Antígona! Talvez, se você tivesse ficado, as coisas fossem diferentes.

— Ah, não, você não vai, além do mais, me tornar responsável pelas loucuras de vocês dois. Foram vocês, você e Etéocles, que expulsaram nosso pai, eu simplesmente me recusei a abandoná-lo. Fiz o que era justo para com ele, mas fiz o possível por vocês também. Muitas vezes, tentei fazê-lo voltar atrás da maldição que lançou contra vocês, em vão, infelizmente. Mas vocês? Os dois irmãos? Os mais velhos! Como puderam se deixar levar a esse confronto? As desgraças que nos acabrunharam não lhes bastam?

Antígona se excitava falando. Ela deixava sair enfim o que tinha no coração:

— Nosso pai mata o próprio pai, desposa nossa mãe, que

é mãe dele também, fura os olhos para se punir e não mais ler sua vergonha no olhar dos outros. Nossa mãe se suicida quando compreende sua desgraça. E vocês, já não têm o suficiente, os dois não podem viver em paz?

— Como? — irritou-se Polinices. — Eu apenas respondi à injustiça de Etéocles. Lembre-se: a maldição dos labdácidas* não nos pouparia se não prestássemos atenção. E nós desconfiamos da realeza e do poder. Devíamos evitar o ciúme que nasce da injustiça. A solução que encontramos era sábia: devíamos reinar um ano cada um, alternadamente, e ser simples conselheiro do outro no ano seguinte, durante seu reinado. Não me diga que não era justo!

— Não, certamente! Mas vocês abandonaram essa ideia depois!

— Eu não — retorquiu Polinices com violência —, foi seu irmão!

— É seu irmão também!

— Não, não é mais. Ele traiu tudo o que eu amava nele. Para mim, é um traidor, um perjuro, e nada mais.

Polinices cerrava os punhos de raiva, tinha lágrimas nos olhos. Antígona ficou assustada, mas lembrou-se do menino que cerrava assim os punhos quando Etéocles ganhava no jogo dos ossinhos. Mas ele amava o irmão mais velho! Então, talvez nem tudo estivesse perdido...

— O que aconteceu — retomou ela — para que no fim do ano ele se recusasse a ceder-lhe o lugar? Houve algo entre vocês.

— Absolutamente nada. À força de reinar, nosso irmão mais velho foi tomado pela própria Tebas: todas as suas decisões lhe eram inspiradas pela cidade, declarava ele, e ninguém mais senão ele podia ocupar o seu lugar! De início, tentei chamá-lo à razão, discutir. Trabalho perdido! E depois meus conselhos desagradaram, minha própria presença desagradou, e parti para o exílio, em Argos, longe da *minha* cidade, longe da realeza que me era devida...

— Sei tão bem quanto você o que é o exílio, conheci até coisa pior, a mendicância! Você recebeu uma acolhida bastante feliz: tornou-se o genro de Adrasto, o rei de Argos. Não está tão mal aquinhoado. Entretanto, quer a guerra, Polinices? Você sabe o que é uma guerra?

— Mas também sou filho de Édipo! Este lugar me é devido, tanto quanto ao meu irmão!

— E por esse lugar você deixaria estrangeiros matarem seus concidadãos, levarem as mulheres à escravidão, destruirém nossos templos*!

— Isso não acontecerá, os tebanos me reconhecerão como seu rei.

— É o que você imagina...

Polinices abaixa a cabeça, com ar teimoso. Não queria ouvir nada. Diante da obstinação do rapaz, Antígona não sabia mais o que dizer. Até onde eles iriam, Etéocles e ele? Cansada desse diálogo de surdos, ela alegou a fadiga da viagem para tirar alguns instantes de repouso... e de isolamento.

Na entrada do acampamento, os dois soldados de Teseu discutiam em voz baixa. Um queria voltar a Atenas: afinal, se Antígona estava com um de seus irmãos — pouco importa qual deles —, estava em segurança; o outro queria se juntar ao seu capitão em Tebas e informá-lo da situação. Perdidos nesse debate, não ouviram as sentinelas do acampamento que se aproximavam a passos silenciosos e os fizeram prisioneiros. Finalmente, foi Polinices quem decidiu: feliz em saber como Teseu tratara suas irmãs, ele encarregou os dois guardas de levar uma mensagem de agradecimento ao seu rei, não sem recompensá-los por seu zelo. Eles tomaram então o caminho de volta, um tanto inquietos, porém, pela acolhida que os esperava.

Impedindo-os de ir a Tebas, Polinices evitava também o risco de que Etéocles conhecesse cedo demais a localização do seu acampamento, quando todos os aliados ainda não tinham chegado.

No dia seguinte, Antígona despertou com a luz do dia. Polinices já a esperava diante de sua tenda.

— O que você vai fazer? Não quer ficar comigo?

— Não, eu retorno a Tebas como previsto — respondeu ela. — Quero evitar a sua guerra, é a única coisa que importa.

— Eu não mudarei de ideia, quero minha parcela de realeza.

— E se a obtiver, o que fará?

— O que nós decidimos, e é justo: reinarei um ano e entregarei o trono a Etéocles por um ano.

Enternecida pelo sentido agudo de justiça que animava seu irmão — tanto quanto sua estúpida teimosia —, Antígona sorriu para Polinices.

— Pois bem, eu serei sua porta-voz, sua mensageira. Do meu lado, vou tentar convencer Etéocles.

Mas Polinices não lhe devolveu o sorriso, sua testa permanecia franzida pela conhecida ruga. De novo inquieta diante da violência que residia no jovem, ela sentia que a sua luta não estava ganha de antemão.

— Até à vista, meu irmão. Espero que nos vejamos logo, sem nos esconder, numa cidade em paz.

— Isso não depende mais de mim — respondeu Polinices com mau humor. — Se Etéocles quer a guerra, ele a terá.